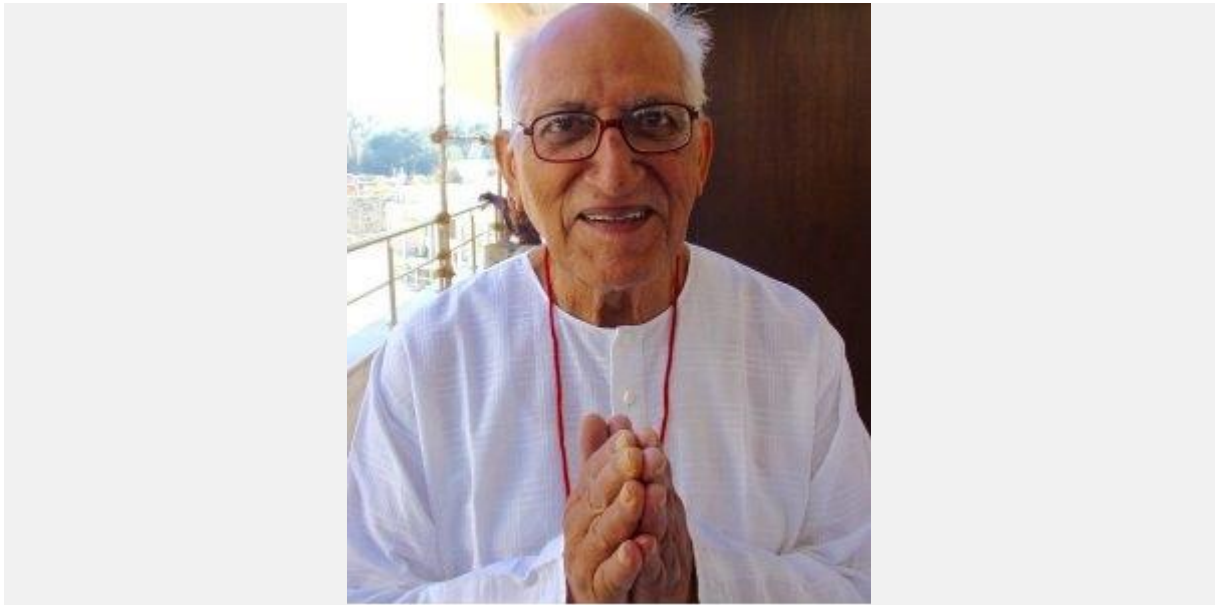


Recordando Tandonji



Shri Satyendranath Tandon, em 2010

Publicado no Boletim Vipassana Internacional – 18 de fevereiro 2017 – Vol. 44, n.º.

1

Durante muitos anos, uma figura familiar nas atividades de Vipassana, na Índia, foi Shri Satyendranath Tandon, ou “Tandonji” como era chamado carinhosa e respeitosamente. Era uma figura serena, caminhando devagar nos seus últimos anos, mas sempre sorridente, irradiando boa vontade. Parecia que nada jamais pudesse abalar essa rocha de equanimidade. Porém, na realidade, em uma vida longa e diversificada, Tandonji enfrentara muitas adversidades e muitos reveses. Aceitou as desventuras sem qualquer reclamação e as utilizou para se tornar um ser humano melhor.

O início

Tandonji nasceu em uma família que amava o conhecimento e valorizava a vida espiritual. Seu pai era diretor de uma escola de medicina indiana tradicional, em Lahore, capital do Punjab. O jovem Tandonji era estudioso e, quando mais velho, costumava recordar seu hábito de manter um livro aberto sobre o guidão de sua bicicleta, a fim de ler a caminho da escola. Por que perder tempo, quando podia utilizá-lo produtivamente?



Tandonji como estudante (primeira fila, segundo a partir da esquerda)

Destacou-se em seus estudos e sua matéria predileta era o sânscrito. No entanto, era um menino tímido, e um sentimento de inferioridade pesou-lhe durante muito tempo, até quando adulto. Ele se tornou modesto e tentava evitar o reconhecimento por suas realizações. Preferia passar o tempo lendo em silêncio.

Um de seus primeiros empregos envolvia a gestão das contas de uma instituição religiosa, em Calcutá. Impressionado pela honestidade do jovem, seu chefe lhe deu o nome de “Satyendranath” (“Mestre da verdade”).

Fuga para Delhi

Em 15 de agosto de 1947, milhões de pessoas em toda a Índia festejavam a conquista da independência. Para muitos, contudo, esta foi uma época de amarga tristeza. Com o fim do jugo colonial, a Índia britânica foi apressadamente dividida em duas nações: o Paquistão, predominantemente muçulmano e a Índia, predominantemente hinduísta.

Na maior migração em massa jamais registrada na história, estima-se que 14 milhões de pessoas fugiram para salvar suas vidas cruzando as novas fronteiras, em busca de segurança com seus correligionários. Aproximadamente 2 milhões de pessoas podem ter morrido no caos e nos conflitos entre as comunidades.



Satyendranath e Lai Tandon na juventude

Em virtude de serem hinduístas, Tandonji e sua família foram envolvidos nessa tragédia e tiveram de abandonar seu lar no Paquistão. Conseguiram alcançar a Índia salvos, mas eram refugiados.

A família, eventualmente, encontrou um novo lar em Delhi, onde o pai de Tandonji praticou medicina ayurvédica com o auxílio de seu filho. Ele planejava dar continuidade a sua educação e, em 1951, casou-se.

A tragédia, no entanto, voltou a intervir quando o pai de Tandonji faleceu repentinamente. Sem qualquer hesitação, o jovem deixou de lado suas ambições e assumiu a responsabilidade pela mãe e pelas irmãs. Apenas após o bem-estar delas estar assegurado foi que ele retomou os estudos.

Vida profissional e Vipassana

Após ter concluído sua educação formal, Tandonji trabalhou em diversos empregos, a maioria deles ligados de alguma forma à redação ou à editoração. Seus sentimentos de inferioridade o impediram de buscar posições mais desafiadoras. Mas, com o encorajamento de sua esposa, Laj Tandon, candidatou-se a uma vaga no prestigioso serviço administrativo do estado do Rajastão e foi aceito.

A porta para o sucesso profissional foi finalmente aberta. Tandonji ascendeu progressivamente os escalões do serviço administrativo até tornar-se Secretário Adjunto da Secretaria do Interior do Rajastão.



Os irmãos no Dhamma, Tandonji e Ram Singhji, em 2008

Seu superior imediato era o Secretário do Interior, Shri Ram Singh. Eram colegas de profissão que trabalhavam bem juntos mas pareciam mais ser irmãos afetuosos. Rivalizavam-se pelo fulgor, pela integridade, pela humildade, pela gentileza, pelo bom humor e pela mútua consideração que nutriam um pelo outro. Shri Ram Singh, certa vez, disse em caráter privado sobre Tandonji: “Ele é melhor do que eu, você sabe”.

Em 1974, Ram Singhji frequentou um curso de Vipassana juntamente com sua esposa. Experimentou o impacto da meditação e reconheceu seu potencial para alcançar mudanças positivas nos indivíduos e na sociedade. Não muito tempo depois, encorajado por Ram Singhji, Tandonji participou de um curso e ficou igualmente impressionado. Continuou a praticar nos anos seguintes, embora suas responsabilidades profissionais não lhe permitissem meditar tanto quanto gostaria. Quando finalmente sentou um curso longo em Dhamma Giri, teve a oportunidade de se aprofundar mais e de eliminar muitos dos condicionamentos de medo e de baixa autoestima que o perseguiram. O sentimento de inferioridade deixou de perturbá-lo.

Disseminando Dhamma

Em 1983, aos 55 anos, Tandonji aposentou-se. Logo em seguida, Goenkaji o nomeou professor assistente e ele envolveu-se profundamente na disseminação do Dhamma. Como sempre, abordava suas responsabilidades de uma forma sistemática, pragmática. Se meditadores tivessem de representar Goenkaji apropriadamente, pensava, precisavam saber o que tinham de fazer. Fossem alunos, fossem professores, precisavam conhecer as fontes do ensinamento, os textos explicativos sobre Vipassana. Além disso, programas para crianças precisavam ser planejados e organizados apropriadamente.

Tandonji enfrentou tais necessidades desenvolvendo oficinas de treinamento para professores assistentes e para servidores do Dhamma. Também ensinava em oficinas de páli, algumas delas durando mais de um mês. E desempenhou papel importante no desenvolvimento do programa de cursos para crianças.

Logo, Tandonji estava viajando com frequência a fim de compartilhar sua compreensão e oferecer ajuda. É em grande parte graças aos seus esforços que os professores assistentes, em todo o mundo, trabalham primordialmente da mesma maneira. Tal consistência tem sido tão importante quanto as gravações dos ensinamentos de Goenkaji para garantir o sucesso do programa de professores assistentes.

Do Sul da Índia até o Nepal, dos Estados Unidos da América até a Grã-Bretanha, da Austrália até Taiwan, de Singapura até a França e a Alemanha, Tandonji viajou intensamente e, em toda parte, os alunos o recepcionavam calorosamente. Ele não desejava atenção pessoal, mas a humildade e sua natureza doce atraíam pessoas em todo o mundo.

Em 1992, ocorreu mais um revés. O genro de Tandonji faleceu em um acidente de automóvel, deixando sua filha, em Delhi, viúva com duas crianças para educar. Sem qualquer hesitação ou arrependimento, Tandonji decidiu dedicar-se à sua família novamente, tal qual havia feito décadas atrás, em sua juventude. Ele e sua esposa estavam morando em Jaipur com seus filhos; agora, mudaram-se para a casa de sua filha, em Delhi. Tandonji gostava especialmente de ter sempre ao seu lado sua esposa, quando ia para os cursos, oficinas ou palestras. Agora, um ou outro tinha de sair, enquanto o outro ficava em casa para ajudar. Ele aceitou a situação e encontrou meios para continuar com o serviço de Dhamma, que era seu deleite.

Deleite em Dhamma

Dhamma era o que lhe interessava mais. A meditação fornecia a estrutura do seu dia. Fora isso, devotava seu tempo aos seus projetos de escrita, de preparar palestras ou de planejar oficinas. Sempre que a família dele necessitava, dedicava a ela toda a sua atenção. Caso contrário, Dhamma o absorvia por completo. Jamais havia um momento para ficar à toa. Sempre dizia aos seus filhos, quando eram pequenos: “Sua mente é uma mina de ouro. Continue cavando, continue cavando!”. Ele próprio viveu seguindo esse conselho.

Tinha uma memória excelente, aguçada por uma vida de estudos. Seu filho mais jovem recorda de ter deparado com uma palavra desconhecida. Em vez de consultar o dicionário, tomou o caminho mais fácil e perguntou ao pai seu significado. Tandonji foi capaz de lhe explicar o significado imediatamente. Depois, sorriu e disse: “Você sabe, faz 40 anos que encontrei tal palavra em minhas leituras!”

Apesar de sua memória aguçada e de seu intelecto penetrante, apesar do respeito que todos lhe reservavam, permanecia humilde. Estava ali apenas para ajudar. Uma vez, um novo professor assistente pediu conselho a Tandonji sobre como responder às perguntas dos alunos. Ele respondeu: “Em minha camisa, tenho dois bolsos. No bolso direito guardo moedas doadas por Goenkaji e, no esquerdo, guardo as minhas. Quando me sento no assento do Dhamma, utilizo apenas as moedas que Goenkaji me doou. Sempre tenha isto em mente.”



Nos seus últimos anos, Tandonji trabalhava na tranquilidade de seu quarto em um de seus locais favoritos, uma propriedade rural que pertencia a um colega meditador, próximo de Jaipur.

Tandonji nunca manteve um controle preciso dos trocados que carregava nos bolsos para pequenas despesas. E embora sua esposa gerenciasse as finanças da família, ela jamais lhe pediu para prestar contas do que gastava. Ela estava consciente de que podia ter utilizado o dinheiro para *dāna* e era regra estrita para ele que ninguém devia saber quando fizesse uma doação.

Tandonji tinha um profundo amor pelos idiomas e pela linguística. Aprendeu, por conta própria, diversos idiomas. Nos últimos anos, estava até interessado em estudar lituano (dito ser próximo do páli) e hebraico (por causa de sua antiguidade). Até o fim da vida, tinha sede de aprender. Em idade avançada, aprendeu sozinho a usar o computador. Com a ajuda de seu neto, criou seu próprio site. Quando um problema sério na coluna vertebral restringiu sua mobilidade e impediu que continuasse a viajar, explorou a possibilidade de usar teleconferências para proferir palestras ou para ensinar páli.

Sua filha não recorda se algum dia o viu ficar zangado ou expressar qualquer preferência por algo – seja roupas, seja comida ou qualquer outra coisa. A única exceção pode ter sido a de pedir um livro específico ou algum outro material sobre Vipassana.

Últimos anos

Quando chegou aos 80 anos, Tandonji viu sua saúde declinar. Câncer, problemas cardíacos, doença de Parkinson – todas testaram sua equanimidade. Teve de se submeter a uma série de cirurgias e depois passou um tempo em casa recuperando-se. Criou coragem ao recordar que o próprio Buda experimentou a deterioração física no final de sua vida. Tandonji passava seu tempo em meditação ou na edição de seus escritos.

Apesar de sua saúde débil, levantava-se como se costume às 4h30 para dar início ao seu dia. Dedicava três horas diárias à meditação. O resto do tempo, até as 22h00 ou mais tarde, dedicava aos seus diversos projetos de Dhamma. Enquanto ainda se recuperando de uma cirurgia, Tandonji foi até a cidade de Nagpur para conduzir uma

oficina de páli. Um dia, sofreu uma queda e machucou suas costelas. A dor era excruciante, mas Tandonji deu instruções estritas de não comentarem sobre o acidente.



Meditando no sítio arqueológico de Kapilavastu, semanas antes de falecer
Tandonji sempre desejou visitar o Centro de Vipassana de Sravasti, próximo do sítio de Jetavana Vihara, onde o Buda passou muitas monções. Alguns meditadores aceitaram o desafio de organizar uma peregrinação para ele nas suas últimas semanas de vida. No fim, foram não apenas a Jetavana, mas também a Lumbini e a Kapilavastu (ou seja, o local onde o Buda nasceu e a cidade onde cresceu), bem como Kushinagara (onde o Buda deu seu último suspiro).

Em seus últimos dias, quando estava no hospital, ainda falava de projetos que desejava implementar sobre Vipassana. Sua última conversa foi com um velho amigo, Shri Vimalchand Surana, que veio de Jaipur para vê-lo. Embora estivesse difícil para ele falar, Tandonji novamente conversou sobre todo o trabalho em Dhamma que pretendia realizar.

Ainda que a prática de Vipassana tivesse varrido embora sua sensação de inferioridade, até o fim da vida evitava o centro do palco. Contribuiu para inúmeros livros publicados pelo Vipassana Research Institute, mas nos seus últimos anos solicitou que seu nome fosse removido de todos eles. O ensinamento importava, reconhecia, não o indivíduo que ajudou a colocá-lo no papel. Ele adorava recordar o exemplo de Hatthaka, um discípulo do Buda. Este homem possuía oito qualidades maravilhosas, e a oitava era que ele tentava garantir que ninguém soubesse que possuía quaisquer dessas qualidades. Tandonji, às vezes, recitava um poema anônimo:

Uma velha e sábia coruja pousou em um carvalho.
Quanto mais enxergava, menos falava.
Quanto menos falava, mais escutava.
Não devíamos ser todos iguais a essa velha ave sábia?

Shri Satyendranath Tandon nasceu no dia 29 de julho de 1928. Sua vida chegou ao fim no dia 20 de maio de 2015. Que possa ser feliz, estar em paz e se libertar.
Fonte: <https://news.dhamma.org/pt-br/2017/02/remembering-tandonji/>